

A aquisição da escrita pela criança repete a gênese escrita

Edjane Alves de Oliveira*

RESUMO

O presente estudo consiste em desvendar a pré-história da linguagem escrita na criança, para revelar o caminho que conduz à escrita e a relação entre esse processo e a aprendizagem. Não tem, no entanto, o intuito de responder de forma definitiva a nenhuma das questões apresentadas, mas, sim, inseri-las como instrumentos de análise nas reflexões sobre o código escrito de nossa língua.

PALAVRAS-CHAVE: ESCRITA, PRÉ-HISTÓRIA, LINGUAGEM, FONETIZAÇÃO.

ABSTRACT

The present study is to uncover the prehistory of written language in children, to reveal the relationship between this process and learning. It has, however, in order to respond definitively to any of the questions, but to include them as tools for analyzing the reflections on the code written-in our language.

KEYWORDS: WRITING, PRE-HISTORY, PHONETIC SYSTEM, LANGUAGE

Introdução

Tradicionalmente, a criança deve possuir, para aprender a ler e escrever, uma boa linguagem, ou seja, um bom desenvolvimento da linguagem oral, no que diz respeito à dicção, vocabulário e complexidade gramatical. Entretanto, apesar das crianças hoje estarem expostas a um único sistema de escrita, a progressão de hipóteses sobre a linguagem reproduz algumas etapas-chave da evolução da história da humanidade.

Segundo Bloomfield, foram necessárias várias gerações de estudo antes que os lingüistas tivessem consciência plena da existência dos fonemas e a identidade de cada fonema individual. A escrita alfabética não foi inventada repentinamente como um sistema já pronto, mas progrediu, através de vários “acidentes”, a partir de um sistema de escrita de palavras. É, portanto, necessária uma série de processos de reflexões sobre a linguagem para passar a uma escrita (Cf. Ferreiro, Teberosky, 1999).

Para Mollica (2006), a contribuição principal em pesquisas dos usos lingüísticos no sentido de colocar a escrita padrão à disposição dos alunos consiste em propor diretrizes de maior

* Aluna de Mestrado em Lingüística- UFRJ. edjanealves@ig.com.br.

eficácia no ensino da língua materna, considerando a heterogeneidade da língua, a fundamentação que descreva os usos naturais e espontâneos do atual estágio do idioma, além de considerar um espectro de processos fonético-fonológicos, morfossintáticos e discursivos que subsidiem a pedagogia.

Para os adultos já alfabetizados, a escrita é uma transcrição da fala, mas o fato da criança não ver transcritas todas as palavras da mensagem oral é um fato importante, porque indica uma concepção de escrita diferente da nossa. O sujeito desse processo tem uma estrutura lógica que constitui, ao mesmo tempo, o marco e o instrumento que definem as características do processo.

Impor concepções adultas de formas metodológicas concretas, não levando em conta os processos naturais da conceitualização, é negar toda a evolução natural da linguagem que está presente na evolução natural da criança. As crianças possuem conceitualização sobre a natureza da escrita muito antes da intervenção do ensino sistemático. Essas considerações não são arbitrárias, possuem uma lógica interna (Ferreiro e Teberosky (1999).

A evolução de escrita

A linha do desenvolvimento histórico foi do pictograma estilizado à escrita de palavras (logografia), numa introdução posterior a um **princípio de fonetização**, que evoluiu paulatinamente até as escritas silábicas. Após uma complexa etapa de transição, culminou no sistema puramente alfabético dos gregos (Cf. Gelb, 1976 e Jensen , 1969- apud Ferreiro, Teberosky, 1999).

Segundo Frutiger, a descoberta de novos testemunhos do pensamento pré-histórico, transmitidos de geração em geração, acumularam-se como quebra-cabeças a fim de chegar à sua montagem lógica. Produzidos na era glacial (cerca de 60.000 anos antes de nossa era), desenhos e formas de sinais riscados, esculpidos e pintados sobre rochas permaneceram intactos e podemos considerar esses “monumentos” como precursores da escrita (2001- p.83).

Antes da escrita, existia um tipo de linguagem ou sistema de comunicação desenvolvido em milhões de anos. Supõe-se que parte dele era feita de sons de curta duração. Como todas as espécies animais enviam e recebem informações expressas por todos os sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar, é válido admitir que uma “linguagem primitiva” não consistia apenas de sons, mas também em vários tipos de gestos, contatos, sensações olfativas, etc.

Mesmo nos dias de hoje o falante sente necessidade de sustentar seu discurso com figuras e gestos.

Calcula-se que os primeiros “escritas” da proto-história tenham vivido no quinto milênio antes de Cristo, na região do Oriente Médio. Segundo Frutiger, através dos “pictogramas”, esquematizavam objetos, datas e ações. A escrita propriamente dita nasceu quando começaram a organizar e “alinhar” os sinais lado a lado ou um sobre o outro. Pouco a pouco, foram surgindo fileiras de sinais que, através de uso constante, desenvolveram-se até formar as culturas de escrita contínua.

A formação de sinais não teve origem comum, mas os elementares apresentaram analogias no que diz respeito à representação pictórica de objetos (a lua em forma de foice, a montanha por triângulos e água por linhas sinuosas alinhadas), resultado da observação e sensibilidade de interpretação dos antigos escribas.

Ocorreram dois tipos de desenvolvimento da escrita que tiveram sua origem nos pictogramas: as escritas que permaneceram figurativas, ou seja, ao longo de muitos séculos, mantiveram-se no estágio pictográfico e as escritas “alfabéticas”, cujos pictogramas originais sofreram transformação em que o traçado foi reduzido à simplificação extrema.

Linguagem

Segundo Martins (2002), o que distingue o homem é a sua capacidade de abstração. Tudo indica que a inteligência do homem pré-histórico era a mesma inteligência reduzida dos animais de grande porte e talvez menor ainda que a deles. O homem se diferenciou espiritualmente no momento em que começou a abstrair e foi a abstração que permitiu o aparecimento da linguagem. Essa possibilidade de abstração revela infinitas possibilidades.

O processo de desenvolvimento da linguagem constitui uma seqüência natural de reconhecer e compreender sua própria época, além do desejo de manifestar esperanças e temores, preservar conhecimento, expressar experiências. Por isso, quando, observamos um desenho pré-histórico, temos a impressão de tratar-se de um registro associando uma linguagem gestual e sonora. Consiste, segundo Frutiger (2001), *num progresso de mão dupla que abrange os sons pronunciados e os gestos desenhados de outro, constituindo o “registro plástico” do pensamento.*

Esses registros tenderam a associar sempre os mesmos desenhos às mesmas imagens. As figuras transformaram-se numa escrita que conservou o pensamento e a fala de forma a permitir sua representação e, portanto, sua leitura em qualquer época.

Segundo Henri Focillon¹, o homem da caverna, utilizando as mãos nas primeiras tentativas de talhar a pedra, exercia um **esforço de abstração**, ou seja, **a mão, fazendo uma coisa ao comando do espírito** ainda obscuro e pesado, ia permitir o **aparecimento da linguagem**.

Vendryès² define linguagem, do ponto de vista psicológico, como atribuição de um valor simbólico ao sinal. Esse processo se funda na abstração e distingue a **“linguagem natural”** de todos os outros animais a uma **“linguagem artificial e convencional”** do homem.

Edward Sapir, escrevendo o artigo *“Language” na Encyclopedia of the Social Sciences*, observou que a linguagem em si mesma é uma complexa e maravilhosa mistura de dois sistemas de padrões, o simbólico e o expressivo, nenhum dos quais poderia se desenvolver até a sua atual perfeição sem a interferência do outro (apud Martins, 2002).

Mikhail Bakhtin³ enxergou a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo. Escreveu o filósofo: *“A língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam”*.

Segundo Henri Berr (apud Martins, 2000), a linguagem é, desde suas origens, psicologia em ato. A consciência existe associada à linguagem. Na conclusão de Saussure (apud Martins), tudo na língua é psicológico, *“mesmo as manifestações naturais e mecânicas, como as mudanças de sons”*.

A evolução da linguagem partiu, portanto, do concreto para o abstrato, tendo como ponto de partida o de atribuir ao sinal um valor simbólico. Dessa forma, a linguagem representa a expressão do pensamento, ainda que não se expresse oralmente. Para Jean Hankiss a linguagem é o instrumento de análise do pensamento e, para Sapir, o homem somente percebe os objetos exteriores através dos sentidos, e a expressão estabelecida é que se reflete na linguagem (apud Martins, 2002).

¹ *Vi e des formes*, p.104, apud Martins, 2002.

² *Lê langage*, p. XX, op.cit. p.14, apud Martins, 2002

³ *Revista Nova Escola*, agosto de 2009, p.34.

A definição mais geral é a de Vandryès, de ser a linguagem um dos sistemas de sinais. A escrita é da mesma forma um sistema de sinais; ela, assim como a mímica, é uma **linguagem visual** e tendo a linguagem função de comunicar e resulta de contatos sociais, é o “fato social por excelência” (Martins, 2002).

Autonomia da escrita

Para Sapir⁴, é provável que a origem da linguagem não seja um problema que possa ser resolvido apenas com os recursos da lingüística, pois constitui um problema da gênese do comportamento simbólico e da especialização desse comportamento na região laríngea. Para ele, algum auxílio subsidiário nos poderia vir do estudo da linguagem infantil.

Em Teberosky & Ferreiro (1999, p:212), a hipótese silábica, por exemplo, é uma construção original das crianças que não pode ser atribuída a uma transmissão por parte dos adultos. A propósito do reconhecimento das letras individuais, uma das primeiras maneiras estáveis de identificar consoantes consiste *em outorgar-lhes um valor silábico em função do nome a que pertencem, já que as vogais constituem sílabas por si mesmas*. Ocorre, na criança, um conflito potencial entre noções diferentes. Por um lado, as formas fixas, promovidas por estimulação externa e aprendidas com uma correspondência global entre o nome e a escrita; por outro, uma hipótese construída pela criança ao tentar passar da correspondência global para a correspondência termo a termo, que a leva a atribuir valor silábico a cada letra.

Em 1995, Frèvier⁵ definiu a escrita tal como é hoje: “*um procedimento do qual nos servimos para imobilizar, fixar a linguagem articulada, fugaz por sua essência*”. Mas, já em seu prefácio, o autor observava que “as formas embrionárias da escrita são outra coisa além de uma pura e simples notação do pensamento” (Frèvier, 1995, introd.).

Segundo ele, o homem civilizado pensa através de conceitos que se materializam em forma de nomes. Por isso, o ato da escrita revela-se preponderante quando recuamos na história da humanidade. Os homens da caverna, por exemplo, visavam garantir uma boa caça desenhando bisões flechados e sangrando. A escrita era, para eles, um ato mágico.

Para Frèvier, os meios de expressão dividem-se em momentâneos e duráveis. Entre os momentâneos temos a linguagem oral, a linguagem dos gestos, a linguagem dos tambores e os

⁴ Apud Martins, 2002.

⁵ Em 1948, J. Frèvier publicou *Histoire de l'écriture* (apud Rego, 2006)

sinais de fumaça, entre outros. Dentre estes, o que teve maior desenvolvimento foi a fala, embora os gestos a acompanhem em maior ou menor grau. Os meios de comunicação duráveis surgiram da necessidade de uma comunicação que ultrapassasse o momento presente. O autor reuniu os meios de expressão em vários grupos: os nós, os signos geométricos, os sinais pictográficos, os signos silábicos e, finalmente a letra (apud Rego, 2006).

As formas embrionárias da escrita são autônomas em relação à palavra, sendo o signo herdeiro do símbolo. A partir do signo, a escrita tendeu a coincidir com a palavra por aproximação, alusão ou sugestão. Em uma primeira etapa, um signo de escrita ou um grupo de signos sugeriram uma frase ou idéia (escritas sintéticas ou de idéias). Em uma segunda etapa, o signo passou a representar uma palavra e não mais evocar uma frase (escrita analítica ou ideográfica, ou ainda, escrita de palavras). A passagem final foi a notação de sons que constituiu as escritas silábica e alfabética. Estas escritas são fonéticas porque registram o som das palavras e não o seu significado.

Segundo Frèvier, esta seqüência evolutiva trouxe vantagens e desvantagens. Entre as desvantagens, ***a perda da autonomia em relação à fala.***

A teoria de Gelb trouxe algumas reordenações importantes para a história da escrita de Frèvier. Sua principal contribuição, segundo Rego, foi o signo silábico. Este seria um elemento da escrita onde há necessariamente uma vogal, que pode ou não reter características prosódicas. O signo silábico difere da sílaba tal como é definida como um elemento da linguagem falada marcado principalmente pelos aspectos prosódicos e que pode, mas não necessariamente, conter uma vogal (1973, apud Rego, 2006),.

Gelb (1973) criou uma tipologia: escritas logossilábicas, silábicas e alfabéticas. Assim como Frèvier, Gelb definiu algumas formas de comunicação como duráveis e momentâneas e dividiu a comunicação em três grupos: visual, auditiva e tátil.

Pommier⁶, de um ponto de vista psicanalítico, no capítulo “*Problemas clínicos da escrita*”, defendeu a tese de que a aquisição da escrita pela criança repete a gênese da escrita. Segundo o autor, os primeiros desenhos de uma criança apresentam fantasmas que são recalçados e depois retornam como letra. Quando uma criança não escreve é porque não consegue representar com o valor psíquico que esta representação tem. Para ele, há um caminho a

⁶ *Naissance et renaissance de l'écriture*, 1993, apud Rego, 2006.

percorrer e, para a criança, é necessário passar por todas as estações deste caminho até acessar a escrita.(apud Rego, 2006: p.76).

Para defender a hipótese de uma invenção da escrita comum à humanidade e a cada sujeito em particular, seria também necessário teorizar uma origem da letra comum a todas as situações onde uma mensagem é transmitida: sonho, desenho, pictograma ou escrita alfabética. Para Pommier, todas as formas de representação gráfica teriam uma origem comum e nenhuma é melhor ou superior à outra.

Segundo Rego (2006), pro exemplo, alguns hieróglifos foram totalmente transformados em signos consonantais. Contudo, os egípcios não chegaram à escrita alfabética, devido ao seu apego aos hieróglifos, portadores da potência da imagem.

A autora afirma que a história da escrita caminha do pictograma ao silabismo através do rébus, ou seja, “o ideograma no estágio em que deixa de significar diretamente o objeto que representa para indicar o fonograma correspondente ao nome deste objeto”⁷, e do rébus ao consonantismo e às vogais. A escrita chinesa, por exemplo, não cumpriu esse percurso e é um enigma para estudiosos da escrita.

Pommier buscou uma resposta para o atraso de séculos na escrita de vogais. O alfabeto fenício, por exemplo, tinha 22 consoantes e nenhuma vogal. Para poder pronunciar a palavra, era necessário conhecê-la antes, pois as palavras só com consoantes eram impronunciáveis (apud Rego: p. 79).

Fonologicamente, a vogal é definida como o som emitido pela voz sem ruído de ar; são sons musicais produzidos por vibrações periódicas do ar laríngeo que ecoa livremente pelo canal bucal. Já a consoante é um som que compreende uma obstrução; são fonemas produzidos pela passagem do ar através da garganta com a boca fazendo obstáculo. Pommier observou que a expressão oral mais original é a vocálica: o grito, a dor, o gozo. Percebeu, então, um desemparelhamento entre a fala e a escrita. “Enquanto na fala a vogal é mais imediata, na escrita ela leva séculos para aparecer e, neste ínterim, transforma o escrito num corpo literal radicalmente distinto da fala.” (apud Rego, p:80).

O desenvolvimento de nomes próprios exerceu papel importante no desenvolvimento das escritas através da história. Segundo Gelb (1976)⁸, estudando os começos da escrita sumeriana (aproximadamente até 3100 a.C.) afirmou que a necessidade de uma

⁷ (Houaiss, 2001)

⁸apud Ferreira e Teberosky, 1999.

representação adequada para os nomes próprios levou finalmente ao desenvolvimento da fonetização. Para ele, a fonetização surgiu da necessidade de expressar palavras e sinais que não podiam ser indicados apropriadamente com desenho ou combinação de desenhos. Não referiu-se à utilização ainda de caracteres com valor sonora estável como nossas letras, mas ao princípio de utilização de identidades ou semelhanças sonoras entre as palavras para representar novas palavras. (Cf. Ferreiro e Teberosky, 1999, p.223).

Gelb afirmou que, uma vez introduzido este princípio de “**fonetização**”, desenvolveu-se a convenção de formas empregadas e com ela a correspondência estável entre sinais e valores silábicos, convenções de orientação e direção da escrita e ordem de sinais que corresponda à ordem de emissão na linguagem.

Estudos apontam para o nome próprio como a primeira forma estável dotada de significação. No começo da interpretação da própria escrita, a criança pode acompanhar seus desenhos de outros sinais que representam seu próprio nome e essa referência logo se generaliza em nomes de objetos. (Ferreiro e Teberosky, 1999).

Considerações finais

Existe uma progressão regular e natural nas etapas do desenvolvimento da aquisição da escrita, assim como um certo conhecimento implícito da estrutura fônica na linguagem humana, que, com ou sem a intervenção escolar, não coincidem com inserção da criança de imediato no sistema alfabético de escrita. A escrita não pode ser uma transcrição da fala, pois existem regras próprias que as crianças irão descobrindo, além das regras de transcrição sonora.

A pesquisa sobre língua e escrita está apenas no começo, mas aponta para discussões lingüísticas sobre processos que conduzem à escrita e uma releitura da “unidade linguística fonema” que podem auxiliar na tomada de consciência da própria linguagem.

Referências Bibliográficas:

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. *A Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FRUTIGER, Adrian. *Sinais e símbolos – desenho, projeto e significado*. Trad. Karina Jannni.SP: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita – História do livro, da imprensa e da biblioteca*. SP: Ática, 2ª ed., 1996.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da Linguagem Coloquial à Escrita Padrão*. RJ: 7 Letras, 2003.

REGO, Cláudia de Moraes. *Traço, letra, escrita: Freud, Derrida e Lacan*. RJ: 7 Letras, 2006.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo – 3ª ed. SP: Martins Fontes, 2005.

Domínios de Lingu@agem